



## «Antes de operar, faço a operação toda na minha cabeça. A sorte constrói-se»

observo primeiro a reacção dos jogadores antes de ver o meu jogo. Assim, não demonstro informação. Há imensos 'tells'. Por exemplo, um jogador com um bom jogo pode tentar demonstrar o sentimento oposto.

À medida que a qualidade dos jogadores aumenta, diminui a probabilidade de encontrarmos tiques neles. Tive muito mais dificuldade no World Series de Londres em ver informação corporal que me ajudasse a tomar decisões do que num torneio como este do Estoril. Também por isso, aqui a inscrição é de €110 e em Londres é de 10 mil libras (cerca de €11.800)...

Há torneios de todas as durações: este demora um dia; mas um grande chega a durar sete ou oito dias — é muito cansativo. No campeonato de Londres, onde fui eliminado ao terceiro dia, joguei 10, 12 horas diariamente. Começávamos às 13h e terminávamos pelas 2h da manhã... Dormia dez horas e acordava cansado. Um jogador que se senta à mesa cansado tem menos discernimento para manter uma 'poker face'. A cara de póquer ideal é sempre igual, quer o jogo seja bom ou mau. Num futuro perfeito, a minha cara será sempre a mesma. Isso não se treina ao espelho em casa, é um treino progressivo. O 'bluff', que os leigos acreditam ser muito importante, é apenas uma 'finta' entre dezenas de movimentos possíveis.

Já houve alturas em que tive de engolir em seco antes de arranjar coragem para tomar uma decisão que me podia deixar fora do torneio. Na modalidade de póquer 'No Limit Texas Hold'Em', em que se podem jogar todas as fichas de uma vez — e ganhar ou perder tudo —, o mais pequeno erro ou falha de concentração pode ser fatal.

Numa competição no Algarve, eu tinha um trio — que é uma mão bastante forte — e, num confronto com um jogador holandês, na altura de virar a última carta, ele coloca 'all in' (aposta as fichas todas). Analisei toda a jogada desde o início e, apesar de eu ter 'um monstro' (uma jogada muito forte), abandonei a mão, com plena consciência de que ele tinha melhor jogo que eu. Vários colegas não perceberam porque fiz aquilo, mas vim a saber que ele tinha uma mão melhor — tinha 'fullhouse'. Nesse torneio ganhei €12.000. Se tivesse feito 'call' (colocado as fichas), tinha perdido tudo.

Sempre tive facilidade em ler as pessoas, em atribuir-lhes um perfil... Com o póquer, desenvolvi ainda mais a minha capacidade de observação e o meu conhecimento do ser humano. Essa evolução também passou para a minha vi-

da pessoal. Mas fora das mesas nunca consigo mentir. Sou um péssimo mentiroso.»

**Sérgio Figueiredo, neurocirurgião**, diz que desempenha «o papel de Deus». «Fazer cirurgia vascular cerebral, nomeadamente de aneurismas, é como desmontar minas. Estou a operar e, de repente, a 'mina' rebenta. O que acontece depois é uma incógnita. Um aneurisma é uma situação de crise iminente em que o que está à frente desaparece num molho de sangue, com um esguicho que tapa tudo. Estamos a operar por um buraquinho minúsculo, ao microscópio, e de repente rebenta uma artéria lá no fundo e não se vê nada. O cérebro incha, o sangue borbulha. Tem de se conseguir manter a calma para dar ordens à equipa e saber o que fazer.

É preciso uma certa personalidade para fazer o que nós fazemos — domínio, autocontrolo, mas sobretudo uma capacidade de trabalho imensa são fundamentais. Quem não tem capacidades de encaixe e de sacrifício não vai ter capacidade para sofrer sob pressão. Depois há pessoas que parecem muito calmas e com muito sangue-frio, mas que em situação de crise bloqueiam. Vi isso acontecer algumas vezes, no bloco operatório, e tive de avançar, porque o cirurgião-chefe bloqueou, e a equipa não estava capaz de resolver a situação.

Até agora, nunca me aconteceu não ter o sangue-frio para fazer o que era preciso. E faço uma oraçãozinha para que isso nunca aconteça... Já houve vezes em que tive medo de não conseguir. Espero que a minha equipa nunca tenha percebido isso.

Não é impossível ser-se cirurgião e colérico e emocional, desde que se consiga manter o sangue-frio nos momentos-chave. Os melhores cirurgiões que conheço transformam-se quando começam a operar. Mudam de personalidade.

Não é a mesma coisa operar alguém que nos é próximo ou um perfeito desconhecido. Desde que não haja uma relação afectiva, não tenho problema em operar ninguém, por muito importante que seja. Mas operar uma pessoa com quem tenha uma ligação afectiva pode afectar a minha concentração — e reduzir a minha eficácia. Uma das cirurgias mais difíceis que fiz foi no seguimento de uma crise pessoal. Foi complicado nos primeiros 10, 15 minutos. Depois, consegui ser a pessoa de sempre. Estou

ANTES DE CADA NEUROCIRURGIA, SÉRGIO FIGUEIREDO FAZ TODA A OPERAÇÃO NA SUA CABEÇA. NA VÉSPERA DE UMA INTERVENÇÃO COMPLICADA, NÃO BEBE CAFÉ E DORME MAIS. QUANDO COMEÇA A OPERAR, É COMO SE MERGULHASSE...

### Sérgio Figueiredo

NEUROCIRURGIÃO

**IDADE** 48 anos

**TRABALHA** uma média de 80 horas por semana

**DIVIDE-SE** entre o Hospital de Egas Moniz, em Lisboa, a CUF Infante Santo e o Hospital Privado de Santa Maria de Faro

**ACREDITA** que os neurocirurgiões são o que há de mais próximo de Deus

**FRASE** «Fazer cirurgia vascular cerebral é como desmontar minas»